

## **Quando a mulher continua sendo a “outra” na ginástica rítmica**

Jorge Luiz de Oliveira Junior

Este trabalho foi desenvolvido nas aulas de Educação Física com turmas de 5º ano (relatarei a experiência de uma), na EMEF Raimundo Correia, localizada no distrito do Jardim Helena, Zona Leste de São Paulo, entre os meses de fevereiro e maio de 2016. A escola funciona em dois turnos, manhã e tarde, que acolhem turmas do 1º ao 9º ano. A população da região é composta de sujeitos das variadas camadas sociais, e a maioria é migrante da região Nordeste do Brasil. De maneira geral, é possível observar que, enquanto uma parte dos moradores de determinadas localidades da região enfrenta dificuldades no acesso a equipamentos públicos, serviços e infraestrutura, outra parte usufrui de espaços e bens melhores e de fácil acesso.

A ginástica rítmica (GR) ancorou-se no Projeto Político Pedagógico da escola, que nesse ano teve como tema “O reconhecimento e valorização das diferentes culturas presentes na comunidade”, e nos pressupostos do currículo cultural da Educação Física. A intenção foi dialogar com esse tema acerca do reconhecimento da GR, que se mostrou presente no universo cultural corporal dos estudantes. Já o currículo cultural da Educação Física, que se fundamenta nas contribuições da teorização pós-crítica, propõe a tematização das práticas corporais e problematiza os discursos e significados que as produzem enquanto tais. Isso é feito por meio de atividades de ensino que tencionam o aprofundamento, a ampliação e a resignificação dos saberes referentes à prática corporal tematizada.

Considerarei alguns fatores para a escolha da tematização dessa prática corporal. Um deles foi o ineditismo do estudo da GR com essa turma, que, no ano de 2015, tematizou brincadeiras do universo infantil, *skate* e patins e danças eletrônicas. Outro fator foi uma situação ocorrida no final de 2015, quando um grupo de meninas me questionou, durante o in-

tervalo, o porquê de as práticas corporais tematizadas serem pertencentes, predominantemente, ao universo masculino. No primeiro momento estranhei o posicionamento daquelas meninas, pois procuro ao máximo equilibrar e distribuir os temas da forma mais justa e democrática possível. Porém, incomodado com tal situação, fui rever meus registros diários de anos anteriores, como também conversei com o professor de Educação Física anterior daquelas turmas, e pude constatar que, por mais que o princípio da justiça curricular estivesse presente, a maioria das práticas corporais tematizadas pertencia ao universo masculino, ou seja, a reivindicação das alunas foi legítima.

Outra informação importante é que três bolsistas do Pibid acompanharam essa tematização. Eles atuaram na seleção, apoio e intervenção de situações didáticas diversificadas, como vivências da GR, leitura de textos, análise de vídeos e preparação de entrevista com uma professora da modalidade, nas problematizações sobre gênero e na elaboração de mecanismos de registro e de avaliação do trabalho.

Iniciei com um mapeamento acerca dos conhecimentos referentes à GR com as alunas e os alunos da turma. Para isso, assistimos a três vídeos dessa prática corporal: um tratava de uma apresentação individual no campeonato mundial da modalidade; outro versava sobre um grupo de crianças que realizava gestos técnicos com alguns aparelhos; e ainda havia um que tratava da apresentação coletiva com aparelhos de fitas e bolas. Passada essa tarefa, tivemos uma longa conversa sobre a compreensão da turma com relação à prática corporal. Nesse debate, alguns meninos demonstraram discursos de desvalorização da GR por ela ser uma modalidade praticada majoritariamente por mulheres: “Isso é coisa de mulherzinha” e “Não vou fazer as aulas de ginástica rítmica porque rebo-la muito”. Isso me instigou a problematizar as questões de gênero junto à turma. Mesmo com esses posicionamentos, percebi, de maneira geral, que o grupo havia demonstrado interesse em compreender e vivenciar a GR, pois se tratava de uma prática corporal “desconhecida”.

Com base nisso, o trabalho teve como objetivo ampliar e aprofundar os conhecimentos relativos à GR – buscando compreender, analisar criticamente e, na medida do possível, problematizar os motivos que fizeram essa prática corporal voltar-se somente ao universo feminino –, como

também problematizar a identidade feminina na GR e na sociedade mais ampla. O registro do trabalho foi feito por mim em um caderno específico. A cada aula, escrevia os principais acontecimentos e algumas falas dos alunos e alunas. Isso serviu para reorientar o caminho planejado sempre que fosse necessário, para realizar problematizações acerca dos apontamentos feitos e para avaliar o trabalho ao longo de seu desenvolvimento.

Na aula seguinte, fomos à quadra vivenciar a GR. Combinamos, inicialmente, que a vivência dos gestos seria de acordo com que cada aluno e aluna achasse melhor. Apresentei, de maneira bem breve, os aparelhos: corda, maçãs, bola, arco e fita. Assim, trabalharam em duplas, trios, grandes grupos e individualmente. A escola dispunha dos equipamentos da GR (corda, arco e bola). A fita foi confeccionada por mim com fita de cetim e pequenos bastões que a escola adquiriu, e a maçã foi substituída por pinos de boliche de plástico.

Essa vivência inicial serviu também para eu continuar com o mapeamento. Assim pude reconhecer uma aluna da turma que havia acabado de ingressar na escola e que era praticante da modalidade. Por ser nova naquele espaço e estar com vergonha, na aula anterior ela não havia se manifestado. Aos poucos, nessa aula da vivência ela foi explicando e apresentando algumas características da GR. Assim, combinei que na próxima aula ela explicaria e apresentaria alguns gestos e sequências para a turma, como também auxiliaria nos momentos de vivências e no manuseio dos aparelhos.

Na outra aula, retornamos à quadra para continuar com a vivência da GR, agora contando com o apoio da aluna praticante. Inicialmente, ela apresentou uma breve sequência de técnicas e movimentos da modalidade usando a bola, o arco, a fita, a corda e as maçãs. Disse que não havia uma maneira correta de sequência e enfatizou que a coreografia é montada de acordo com a música. Após sua apresentação, as crianças trabalharam em pequenos grupos e a aluna praticante, aos poucos, foi auxiliando os grupos acerca do manuseio dos aparelhos e da realização dos gestos característicos da GR.



Ao final dessa aula, com a intenção de aprofundar os conhecimentos dessa prática corporal, sugeri que as alunas e os alunos pesquisassem sobre a GR e citei como exemplo de pesquisa as características dos aparelhos (bola, corda, arco, fita e maça) e dos gestos, curiosidades, entre outros aspectos que julgassem interessantes.

Nesse período, conversei com a professora de Informática Educativa sobre uma possível parceria durante o desenvolvimento da tematização. Ficou acordado que, na aula semanal de Informática, as crianças pesquisariam vídeos e páginas na internet que tratavam da GR.

As aulas seguintes foram de aprofundamento dos conhecimentos da GR, por meio de situações didáticas de vivências e de socialização dos nomes e características dos aparelhos pelas crianças, conforme as pesquisas realizadas na sala de informática. Elas continuaram trabalhando em pequenos grupos e individualmente. A dinâmica foi assim: no início das aulas, eu perguntava quem havia pesquisado e encontrado algo novo sobre a GR. O grupo que se dispunha a apresentar, explicava sua pesquisa e, na quadra, apresentava gestualmente as variadas possibilidades de funcionamento daquele aparelho.

Ao longo dessas aulas, ao também pesquisar a GR, encontrei um texto que tratava do reconhecimento da modalidade enquanto prática exclusivamente feminina e mostrava que isso era determinado pelo Comitê Olímpico Internacional. O texto explicava que a GR exige movimentos graciosos, ritmados e delicados e que ninguém melhor que mulheres para realizar tal tarefa. Em uma dessas aulas, fiz a leitura compartilhada

desse texto. Essa atividade desencadeou uma problematização acerca da “delicadeza feminina”. Discuti com as crianças que esse tipo de informação reforçava a ideia de um tipo de mulher e que isso levava as pessoas a aceitar esse modelo imposto de feminilidade, como se toda mulher fosse obrigada a ser “delicada”, ou então que essa situação fosse considerada como algo “natural”. Percebi que algumas alunas e alunos demonstraram entendimento sobre aquilo que estava sendo problematizado, enquanto outros permaneciam com as ideias de que a GR é uma prática voltada ao universo feminino, porque “dançar é fácil”. Registrei minhas impressões daquele debate para retomá-lo em outro momento.

Na aula seguinte a essa problematização, visando à ressignificação dos saberes concernentes à GR, propus que a turma assistisse a um vídeo que contrapunha a ideia de que a GR seria uma prática exclusivamente feminina, conforme apontado pelo Comitê Olímpico Internacional. O vídeo mostrava uma GR praticada por homens, com outros tipos de material. Minha intenção com essa atividade foi desestabilizar as representações e significações que reforçavam a GR como território exclusivamente feminino.

Durante o vídeo, um aluno percebeu que os gestos daquela GR masculina lembravam gestos característicos das artes marciais. Então, discutimos sobre as gestualidades “impressas” no corpo das pessoas: a GR feminina é caracterizada por movimentos “leves, sincronizados e delicados” e a GR masculina, por movimentos “precisos, fortes e incisivos”. A problematização realizada girou em torno dessa diferenciação entre as marcas corporais impressas nos corpos. Nessa atividade, aproveitei para explicar que essas diferenciações, por mais que parecessem “naturais”, eram culturalmente construídas ao longo do tempo. Passada essa discussão, partimos para a continuidade da vivência da prática corporal. Fiquei atento para que os grupos alternassem o manuseio dos aparelhos, evitando que ficassem em um aparelho só.



Impelido pelas discussões realizadas nas aulas anteriores e com o intuito de ampliar o assunto, no início de outra aula propus uma questão às crianças: “Por que a GR é praticada exclusivamente por mulheres?”. Ficou combinado que eles e elas deveriam pesquisar sobre isso na sala de informática ou em casa; ou, então, fazer uma entrevista sobre o tema com algumas pessoas que elas conheciam. A ideia era fazê-las buscar diferentes hipóteses sobre esse questionamento.

Nesse instante da tematização, percebi a necessidade de convidar alguma praticante ou professora de GR que pudesse contribuir para a ampliação e o aprofundamento dos saberes referentes a essa prática corporal. Contatei um professor conhecido, que trabalhava no Centro Educacional Unificado (CEU) Três Pontes, localizado na região. Ele me indicou uma professora da modalidade que dava aulas lá. Entrei em contato com ela e, no dia marcado, fui conhecê-la em seu local de trabalho. Na conversa, ela me explicou sua prática na GR, os aparelhos, técnicas e curiosidades referentes à modalidade. Verifiquei a possibilidade de a professora fazer uma visita à escola ou de a turma ir ao CEU para uma vivência e entrevista, a fim de ampliar as significações e representações em torno da prática corporal. Porém, devido a alguns problemas na agenda dela, não foi possível estabelecer esse momento.

Na outra aula, relatei meu diálogo com a professora de GR, expliquei os acontecimentos e o impedimento da visita à escola. Percebi que a maioria da turma ficou desanimada ao saber que não seria possível o encontro.

Entretanto, um aluno da turma disse que frequentava esse CEU quase diariamente, participando de outros projetos, e afirmou que conhecia a professora de GR. Sugeri à turma que, caso achassem interessante, o colega realizasse uma entrevista com ela no dia em que a encontrasse por lá. A turma prontamente aceitou a sugestão e, naquele instante, elaboramos coletivamente algumas questões. Algumas crianças foram fazendo as questões e eu as anotei na lousa. Após essa tarefa, juntamos algumas questões que se aproximavam. No final, o questionário dizia respeito ao início dela na prática, se era necessário fazer balé para fazer GR, se ela gostava do trabalho dela, se ela poderia apresentar outras técnicas de manuseio dos aparelhos e a opinião dela com relação à exclusividade feminina nessa prática corporal.

Neste ínterim, até a aula da semana seguinte, o estudante conseguiu entrevistá-la. Assim, todos e todas assistimos à entrevista realizada com a professora de GR. Ela buscou dar todas as respostas e explicações. Além disso, apresentou uma breve coreografia e explicou as características dos aparelhos. Ao final do vídeo, debatemos acerca do conteúdo. Algumas crianças se surpreenderam com o fato de não precisarem saber balé para praticar GR, pois mesmo que as técnicas sejam aproximadas, cada uma possui suas características próprias.

Outro fato que chamou a atenção na turma foi quando a professora disse que começou a se interessar pela GR durante sua formação universitária. Durante a infância, ela disse que gostava de dançar e que não havia praticado especificamente a GR. Percebi que essa ideia de ser praticante da modalidade para saber ensiná-la estava presente nas significações das alunas e dos alunos durante a fala da professora. Então, problematizei junto à turma essa possibilidade de entrada em qualquer prática corporal e que a pessoa não precisa ser praticante da modalidade para poder ensiná-la. Um aluno apresentou um exemplo que ilustrou bem a situação: disse que seu tio aprendeu a andar de *skate* quando já era adulto e que chegou a fazer algumas gravações de manobras para marcas de vestimentas destinadas ao público praticante de *skate*.



Outro ponto na entrevista que chamou a atenção de alunas e alunos foi ela afirmar que a GR era uma prática destinada ao público feminino, porque envolvia “graça, beleza e movimentos sincronizados”, ou seja, um assunto que já havíamos problematizado em aulas anteriores. Poucas crianças se posicionaram contra aquele argumento apresentado pela professora, perguntando coisas do tipo “Professor, será que ela conhece a GR que os homens fazem?”. Ou, então, dizendo que “nem toda mulher precisa ser delicada”.

Registrei atentamente essa discussão no caderno com o intuito de retomá-la num momento adiante, pois observei que a maioria da turma ainda não havia percebido o teor das problematizações. Minha intenção era tentar atingir o máximo de estudantes sobre aqueles debates, a fim de provocar certas desestabilizações em suas significações e representações. Não estava preocupado em fazer mudanças em suas ideias apenas, mas sim visava oferecer possibilidades de entendimento de que aquelas situações não eram “naturais”. Então, seguimos para a vivência da GR na quadra, embalada ao som de músicas diversas.

Cabe destacar que, nesse momento da vivência, observei que algumas alunas e alunos já dominavam alguns gestos característicos, o manuseio dos aparelhos e breves sequências coreografadas da GR. Em uma dessas percepções, vi uma aluna explicando e demonstrando para um aluno o gesto de espiral da fita: “É assim que se faz, você tem que mexer a mão bem forte e rápido”.

Na aula seguinte, uma aluna trouxe uma fita fabricada por ela mesma com a ajuda do seu pai. Desse modo, no início a convidei a apresentar sua fita à turma e a explicar como havia feito. Ela disse que sua avó era costureira e que havia lido uma fita de cetim, e que a madeira era de uma velha gaiola de seu pai. Nessa mesma aula, três meninas me procuraram e sugeriram que fizéssemos um festival de GR na escola. Ao apresentar isso à turma, todos aceitaram o desafio. Então, desse momento em diante, as situações didáticas de vivência passaram a ser dedicadas à elaboração de coreografias que pudessem ser feitas de forma individual, em duplas, trios ou grupo, e eles deveriam selecionar as músicas que acompanhariam a apresentação.



Nas aulas que seguiram, as alunas e alunos trouxeram suas músicas e elaboraram as coreografias. Como havia somente um rádio disponível, os grupos se revezaram na utilização do aparelho. Esse foi um momento interessante, pois percebemos que alguns grupos estavam dedicados à criação de suas coreografias. Com relação às músicas, as crianças trouxeram *funk*, eletrônica e *pop rock*.

Em outra aula, retomamos as discussões acerca das características de “graça, beleza e movimentos sincronizados” da GR, apresentadas pela professora em sua entrevista. Tencionamos problematizar a construção

cultural acerca do gênero feminino como algo “frágil e desprotegido” e do gênero masculino como algo “forte e protetor”. Com algumas provocações e questionamentos intencionais, as crianças foram se posicionando aos poucos com relação ao assunto, trazendo exemplos de algumas brincadeiras infantis e de situações do cotidiano que reforçam e legitimam esses estereótipos. Para ilustrar tal situação, um menino disse que os meninos jogam futebol e brincam de lutinha, por isso são fortes, e que as meninas são fracas porque brincam de boneca e de casinha.

Chamou-me a atenção que, após essa fala e diante de tudo que já havíamos problematizado, a maioria das meninas da turma não rejeitou aquele posicionamento. Observei, naquele instante, que seria necessário continuar com as problematizações sobre as questões de gênero naquela turma, porque a maioria do grupo ainda enxergava que as meninas eram as “outras” naquela prática corporal majoritariamente praticada por mulheres.

Na aula seguinte, após as vivências das coreografias na quadra, propus uma atividade de leitura compartilhada de uma notícia de jornal intitulada “Mulheres vão levar 80 anos para ter salário igual aos homens, diz pesquisa”.<sup>27</sup>

A notícia tratava da diferença salarial entre homens e mulheres que ocupam a mesma função no ambiente de trabalho e dizia que isso levaria muito tempo para ser equilibrado. Minha intenção era que essa notícia atingisse as crianças, para que se sentissem provocadas a refletir e debater o assunto. Isso serviu para que as discussões das aulas anteriores fossem retomadas.

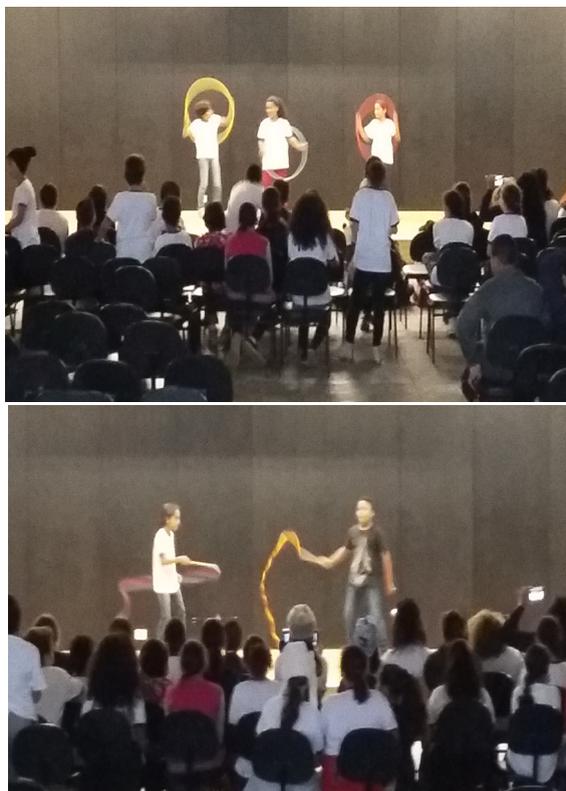
O debate engendrado girou em torno dos discursos preconceituosos que cercam o gênero feminino e do fato de que isso foi algo construído culturalmente pelos sujeitos. Alguns meninos da turma, claramente incomodados com aqueles posicionamentos, falaram que as meninas já nascem fracas e “choronas” e que quando fossem trabalhar não aguentariam o trabalho, por isso mereceriam um salário menor que o salário dos homens. Nesse momento, uma menina rebateu veementemente a fala do colega de sala, argumentando que aquela notícia lida por mim dizia que o preconceito contra as mulheres ainda permanecia e que as mulheres ainda sofrem com pensamentos machistas.

No calor da discussão, convidei as crianças a refletir e falar sobre algumas situações – que já tivessem vivido ou presenciado – em que elas, ou

outras meninas ou mulheres, foram inferiorizadas por serem do gênero feminino. Algumas alunas começaram a contar, sob o olhar atento de toda a turma, algumas situações do cotidiano. Uma delas falou que isso acontece quando algumas meninas querem jogar futebol com os meninos no intervalo e alguns deles não deixam, alegando que futebol é pra homem. Outra narrou que uma vez estava andando de carro com a mãe e um homem em outro carro ultrapassou o sinal vermelho, quase ocasionando um acidente, e atribuiu a culpa da situação à sua mãe, ofendendo-a e dizendo em voz alta que local de mulher não era no volante e sim na cozinha.

Mesmo assim, alguns estudantes permaneceram com seus posicionamentos iniciais, e isso me fez perceber que as identidades femininas precisariam de mais problematizações naquela turma. Registrei no meu caderno que poderíamos retomar essas problematizações em outros temas, num momento adiante. Percebi, naquele instante, que as discussões engendradas foram importantes para a ampliação dos conhecimentos referentes às questões de gênero, e minha intenção não era fazê-los mudar de posicionamento nem de praticar atos de tolerância. Busquei, com aquelas situações didáticas, o reconhecimento das diferenças e de posições divergentes sobre o tema.

Na semana que antecedeu o festival, percebemos que as crianças conseguiram identificar alguns gestos e elementos característicos da GR, como também realizaram uma sequência coreografada. Ao longo das vivências, observei que alguns grupos ressignificaram e criaram outros gestos e coreografias. Quando observava isso, propunha que os compartilhassem com a turma. No dia do festival, utilizamos o anfiteatro da escola, que é um espaço bem amplo e com uma boa distribuição do som, onde caberiam todas as turmas. Os grupos, um a um, apresentaram suas coreografias em ritmos diversos: música eletrônica, *pop* e *funk*. Percebi o quanto as crianças ficaram animadas e extasiadas com a apresentação dos colegas.



Na aula seguinte ao festival, fizemos registros, por meio de desenhos e escritas, sobre o que as crianças haviam aprendido sobre a tematização. Os alunos e alunas registraram os gestos técnicos, acerca dos aparelhos da modalidade, e a experiência vivida na elaboração das coreografias e apresentação no festival. Ressalto a importância dos registros realizados ao longo da tematização como forma de replanejamento das aulas e possibilidades de problematização das aulas seguintes e no fechamento do trabalho enquanto material visível sobre os avanços causados pela tematização, bem como as limitações do trabalho. De forma geral, as crianças significaram que a tematização da GR foi muito interessante e que o apoio da amiga que era praticante da modalidade ajudou bastante ao longo das aulas.

Ao olhar para a tematização, posso inferir que as crianças participaram de diferentes situações didáticas em que alguns discursos foram problematizados e conhecimentos referentes à GR foram aprofundados,

ampliados e ressignificados. Destaco o diálogo ao longo do estudo e o espaço democrático de debate de ideias e posicionamentos gerados pelo currículo cultural da Educação Física, ora para a reorientação do trabalho, ora como forma de argumentação. Destaco também a importância da parceria realizada com a professora de Informática Educativa para a melhor compreensão da prática corporal em questão, como também o compartilhamento de saberes referentes à prática corporal tematizada por uma colega da turma praticante de GR.

As posturas adotadas por algumas crianças ao longo da tematização, como no caso em que a menina problematizou a notícia apresentada pelo professor com sua turma reforçando o debate em torno das questões de gênero, também foi algo interessante de observar. Além disso, ressalto a variação das atividades de ensino e de situações didáticas planejadas para que o tema fosse discutido e problematizado de maneira ampla, em variadas frentes, e as inúmeras possibilidades de participação nas aulas, seja por meio de vivência corporal, lendo textos, assistindo a vídeos, seja debatendo com os colegas e sugerindo outras ideias.

Enfim, considero que essa tematização contribuiu para aprofundar os conhecimentos relativos à GR e, também, para ampliar as significações acerca do gênero feminino nessa prática corporal e na sociedade mais ampla.